



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

JOCIELE APARECIDA CARMO DE CASTRO

A CONQUISTA DO COLÉGIO ESTADUAL PARA A COMUNIDADE DE COROA VERMELHA



BELO HORIZONTE

2023

JOCIELE APARECIDA CARMO DE CASTRO

**A CONQUISTA DO COLÉGIO ESTADUAL PARA A COMUNIDADE DE COROA
VERMELHA**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Rabelo Gomes

BELO HORIZONTE

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este percurso acadêmico à minha comunidade por estar sempre lutando para a melhoria do meu povo, aos guerreiros que participaram dessa conquista, e à minha família que sempre me apoiou. Minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui e por conseguir realizar essa pesquisa,

Aos meus filhos Aksã, Eyhnã Xôhã, Akemy e Wêktxawãhy por sempre me apoiarem e por acreditar em mim.

A minha mãe Valdelice Castro (*in memoriam*), minha família por sempre estar me aconselhando e ajudando, sou eternamente grata por vocês fazerem parte da minha história.

Aos meus colegas Pataxó e Xacriabá por compartilhar conhecimentos e alegrias.

Aos meus professores e bolsistas que passaram pela turma (CVN 2019), obrigada pelo aprendizado e conselhos.

A minha orientadora Dra. Ana Maria Rabelo Gomes, aos coordenadores da turma da CVN Marina Tavares e Celio Silveira e a bolsista Ana Luísa meu muito obrigada por vocês estarem sempre me incentivando.

Aos meus entrevistados Ademario Ferreira, Gilson Soares, Railson Braz, Gabriela Souza, Manuele Castro, Aksã Castro, Franciele Silva que me ajudaram a realizar essa pesquisa, uma eterna gratidão a todos.

RESUMO

Venho através dessa pesquisa ressaltar a grande importância que o Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha tem para meu povo. Nela busco relatar o depoimento de cada pessoa envolvida nesse projeto e falar da importância da construção do colégio no território, para deixar um trabalho escrito, para que a nova geração saiba como foi a luta das lideranças juntamente com a comunidade e os alunos. O motivo que me levou a pesquisar e registrar a história do Colégio é mostrar as lutas das lideranças e do povo Pataxó, pois as pessoas que participaram dessa conquista são as mesmas que ainda continuam ajudando a comunidade. Vejo assim um grande tema para estudar, ressaltando a importância da educação escolar indígena que é específica, diferenciada, intercultural e multilíngue. A metodologia usada foi através de registro de áudios, fotografias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa das aldeias Pataxó (BA).....	13
Figura 2 – Entrevistado Ademário.....	16
Figura 3 – Entrevistado Gilson de Matos	16
Figura 4 – Entrevistado Railson Sena Braz	17
Figura 5 – Entrevistada Gabriela Florêncio de Jesus Souza.....	17
Figura 6 – Entrevistada Manuele de Castro Soares	18
Figura 7 – Entrevistada Aksã de Castro Ferreira.....	18
Figura 8 – Entrevistada Franciele dos Santos Silva.....	19
Figura 9 – Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014, antes do projeto Korihé – Aprender.....	24
Figura 10 – Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014	25
Figura 11 – Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014	25
Figura 12 – Alunos que ficaram na parte do paisagismo do colégio.....	26
Figura 13 – Alunos que ficaram na parte do paisagismo do colégio.....	26
Figura 14 – Alunos que ficaram na parte do grafismo do colégio, 2015.....	27
Figura 15 – Alunos que ficaram na parte do grafismo do colégio, 2015.....	27
Figura 16 – O Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, 2015	28
Figura 17 – O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2016.....	28
Figura 18 – O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2017.....	29
Figura 19 – O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2023	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Bahia

BH – Belo Horizonte

CVN – Ciências da Vida e da Natureza

CEICV – Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha

DIREC – Diretoria Regional de Educação da Bahia

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FAE – Faculdade de Educação

FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Funai – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

LICEEI – Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena

MG – Minas Gerais

NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional

PGE – Prêmio Gestão Escolar

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA AUTORA	09
O TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA	12
INTRODUÇÃO	14
AS PESSOAS ENTREVISTADAS	16
CAPÍTULO I: MOTIVOS INICIAIS PARA A CONQUISTA DO COLÉGIO.....	20
1.1. Por que um colégio estadual indígena em Coroa Vermelha?	20
CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA COROA VERMELHA.....	22
2.1. Como o colégio foi construído?.....	22
2.2 Ações foram realizadas para efetivar um Colégio Estadual Indígena	23
CAPÍTULO III: O CEICV ATUALMENTE.....	31
3.1. Como um colégio indígena acolhe estudantes não indígenas?	31
3.2 Como o colégio está hoje?.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Eu me chamo Jocielle Aparecida Carmo de Castro, sou da etnia Pataxó e moro na aldeia Coroa Vermelha em Santa Cruz Cabrália BA. Nasci em Vera Cruz, município de Porto Seguro (BA) em 09 de novembro de 1990, filha de Valdelice Carmo de Castro. Sou a caçula entre três irmãos: Josivana Carmo de Castro, Jozelma Maria Carmo de Castro Soares, Joilson Eurides Carmo de Castro. Quando minha mãe veio morar na aldeia, eu ainda era pequena, então passei minha infância toda no meu território onde passei a conhecer e praticar minha cultura desde pequena. Sempre que mãe podia ela estava nas retomadas, nas manifestações e festividades, assim aprendi com ela a sempre valorizar nossa cultura. Estudei os meus primeiros anos iniciais até a 7ª série (8º ano) na escola não indígena, pois quando chegamos na aldeia minha mãe não conseguiu vaga na escola indígena, mas isso não impediu de participar dos movimentos dentro da aldeia. Aos 15 anos de idade fiquei grávida da minha primeira filha, Aksã de Castro Ferreira, e precisei estudar no turno noturno pois assim eu não pararia meus estudos. Foi quando eu consegui uma vaga na escola indígena e assim consegui conciliar os trabalhos domésticos e os estudos. Em agosto do ano de 2006 nasceu minha primogênita, e apesar das responsabilidades que eu teria que ter, não parei os estudos e assim venci o ano letivo. No ano de 2008 fui passar uma temporada na aldeia Guarani, sede em Carmésia (MG). Fiquei morando lá 1 ano e 2 meses e nesse período tive meu segundo filho, Eyhnã Xôhã de Castro Ferreira, e assim parei os estudos. Estava com duas crianças, longe da minha família e assim não consegui dar continuidade. Em 2010 retornei à minha aldeia e assim voltei aos estudos e no ano de 2011 concluí o 3º ano do Ensino Médio. Comecei a trabalhar em hotel para ajudar com despesa em casa, minha mãe sempre cuidava dos meus filhos para eu poder trabalhar. Quando os movimentos de turistas davam uma pausa na cidade, o hotel dispensava os funcionários mais novos; então eu sempre fazia alguns bicos em pousadas, loja e hotéis. No ano de 2014 abriu um edital pra fazer o processo seletivo pra escola indígena, para substituir os professores que saíam para fazer a faculdade em outra cidade. Consegui uma vaga e trabalhei um mês na escola como professora. No mesmo ano fiz o ENEM, alcancei uma boa nota mas não consegui me inscrever em nenhum curso pois não tinha acesso fácil à internet. Em seguida tivemos uma notícia muito triste, quando colocaram fogo nas lojas na passarela indígena onde minha mãe tinha um ponto de comércio. Mas Deus foi sempre cuidando da nossa família, pois logo em seguida comecei a trabalhar em uma loja

e assim fui ajudando mãe, pois sempre morei com ela. Em 2016 ganhei minha terceira filha, Akemy de Castro Ferreira, e quando ela estava com cinco meses, abriu um processo seletivo na comunidade para trabalhar no Colégio Estadual, para trabalhar de auxiliar de serviços gerais e mais uma vez eu fui tentar a sorte. Graças a Deus fui selecionada a trabalhar no colégio e sempre que os professores estavam fazendo suas palestras, eu ficava prestando atenção e assim eu fui passando a admirar aquela profissão. Em 2017 os professores do FIEI estava fazendo a inscrição para a turma da Matemática de 2018, tomei coragem e fiz a minha inscrição; fiz a prova, mas não consegui passar. Mãe sempre na torcida: “quem sabe na próxima você passa”. Em março de 2018 veio um vento muito forte na família e perdemos dois entes muito queridos: primeiro foi meu primo, deixou nossa família muito triste; e no mesmo mês perdi minha mãe, foi um ano muito triste pra mim, pois só Deus sabe o quanto eu sofro com a partida dela. Mas em meio dessa tragédia, eu tive que me manter forte pelos meus filhos, pois eles também tinham perdido uma pessoa muito importante na vida deles e eu precisava me manter firme para ajudar meus filhos a passar pela fase do luto. No mesmo ano saí do meu trabalho pois não consegui lidar com aquela tamanha tristeza que estava no meu coração. No final do ano fiz a inscrição novamente do FIEI, era para a turma da CVN de 2019. No dia da prova estava muita chuva, mas eu não desisti, fui fazer minha prova, quando saiu os nomes e o meu estava na lista, foi uma alegria muito grande pra mim, eu tinha conseguindo uma vaga na nova turma. Em setembro fomos para BH conhecer a famosa FAE, todos ansiosos sobre como seria essa nova etapa das nossas vidas. Já passei por um processo que foi deixar meus filhos com os pais: como eles iam ficar sem mim? Mas também precisava ocupar aquele espaço que tinha acabado de conquistar. Foi um mês de muita alegria e aprendizado e também de tristeza, mas com um objetivo de vencer. A FAE é um espaço maravilhoso que nos acolheu muito bem, nos fez sentir na nossa aldeia. Minha turma é maravilhosa e meus professores tão atenciosos, sou grata a cada um que se fez presente na minha formação. No ano seguinte veio a pandemia que nos impossibilitou de estudar presencialmente e assim fomos aprender uma nova forma de estudo online. Tudo era novo, aprendemos a estudar na raça pois até os professores se perdiam nas aulas e suas novas tecnologias. Mesmo com os tempos assim difíceis, não paramos de estudar, algumas turmas se formaram no online e assim fomos vencendo as etapas. Já saindo da pandemia, em 2021, tudo começando a voltar normal, mas com algumas restrições como uso de máscaras, álcool em gel e vacinas, chegou uma grande notícia para mim: a chegada de mais um filho. A notícia caiu como desespero, me senti incapaz de criar mais um filho no meio de tantos desafios que estava acontecendo e sem a minha mãe para me ajudar e aconselhar. Mas tive muito apoio da

minha família e assim aprendi a amar aquele bebezinho que estava no meu ventre. Ficamos inseguros e na verdade não sabemos os planos de Deus, só ele sabia como andava meu coração depois da partida da minha mãe. Ganhei meu caçulo em abril de 2022, Wêktxawãhy de Castro Ferreira, e naquele momento que segurei meu filho no colo, minhas forças foram renovadas, deu um sentido mais forte na minha vida. Foram marcadas as datas dos intermódulos nas aldeias e na minha aldeia iria ser realizado o intermódulo, depois de muito tempo que isso não acontecia. Então eu não pensei duas vezes, participei mesmo de resguardo pois não poderia ficar atrasada. Nesse encontro, nós da CVN estávamos no processo de escolher o tema. Logo de início fiquei em dúvida entre dois temas muito importantes para minha comunidade, mas conversando com meus professores decidi escolher esse tema no qual irei defender, pois estudei no colégio quando as salas eram cedidas pelo município e fui vendo a evolução do colégio durante esses anos.

Esse trabalho tem como objetivo promover o reconhecimento das pessoas que participaram da conquista do Colégio Estadual e contribuir para que essa história não se perca com o tempo pois as novas gerações vão chegando e precisam saber e conhecer como foi essa grande conquista dentro do nosso território. Eu agradeço muito ao FIEI/FAE por me proporcionar esse grande estudo. Vou me recordar com muito carinho pois é um espaço maravilhoso no qual nós indígenas somos tratados com muito respeito. Sem esquecer daquele lindo Jardim Mandala onde recarregamos nossa energia. Tive grandes aprendizados com todos que passaram pela turma CVN: de professores, bolsistas e colegas.

O TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA

Os povos Pataxó são originários da aldeia Barra Velha e eram conhecidos como nômades. O nosso povo vivia em grupos pelas matas da região da Bahia e Minas Gerais, juntamente com outros povos indígenas que ocupavam as terras em Prado e Belmonte e as matas de Minas Gerais. Devido ao fato dos fazendeiros irem ocupando nossos territórios, tivemos que formar aldeias ao longo dos atuais municípios de Itamaraju, Prado, Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália (BA) e Carmésia (MG). O nome Coroa Vermelha foi dado por causa da cruz colocada na coroa de areia junto a um recife e essa coroa reflete uma cor avermelhada quando o sol está muito quente e assim originou-se o nome Coroa Vermelha.

A aldeia de Coroa Vermelha está localizada no extremo sul da Bahia no km 76 a 79 da BR367. Fica situada entre duas cidades turísticas, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, e possui aproximadamente 6000 indígenas e 923 famílias (FERREIRA, 2021, p. 10). É uma aldeia urbanizada onde se recebe vários turistas de toda a parte do mundo. Muitos indígenas vivem da produção e da venda de seus artesanatos, pesca e agricultura; outra parte da comunidade trabalha na rede de hotelaria e empregos públicos na área da saúde e da escola, mas sempre cultivando a cultura e sempre mostrando o desejo e o orgulho de sermos índios Pataxó. Mesmo sendo uma aldeia urbanizada, a comunidade sempre colocou em prática sua cultura nos festejos do território.

Figura 1: Mapa das aldeias Pataxó (BA).



Fonte: <http://superintenciaindigena.blogspot.com/>.

INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha encontra-se localizado na BR367, no município de Santa Cruz Cabrália no bairro de Coroa Vermelha. O colégio começou como uma extensão do Colégio Frei Henrique de Coimbra no ano de 2007 a 2008, o colégio Frei Henrique de Coimbra era um colégio estadual de Ensino Médio, o único no município de Coroa Vermelha. Assim, muitos alunos que saíam do Ensino Fundamental II passavam a estudar nesse prédio. Alguns alunos indígenas entraram em contato com os diretores daquela época e pediram para que eles cedessem algumas salas para que eles pudessem voltar a estudar no prédio da escola do município porque não estavam se sentindo bem no prédio escolar do Frei Henrique de Coimbra. A jornada pedagógica do colégio era diferente do que os alunos estavam acostumados, pois eles sempre participaram dos festejos da comunidade e a jornada pedagógica da escola indígena é voltada para as atividades na comunidade. Em 2010 o colégio se desvinculou da extensão do Frei Henrique de Coimbra e se tornou o Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, mas ocupando o espaço do município. De 2011 a 2012 começou a construção do colégio estadual ao lado do municipal. Em 2014 o prédio ainda estava inacabado, mas havia a necessidade de passarem assim mesmo para o novo prédio. Hoje o colégio atende 14 turmas, sendo que 6 delas são matutinas, 4 vespertinas e 4 noturnas. Treze turmas atendem ao Ensino Médio, sendo 1 turma Técnico em Administração, 1 turma de 1º ano tempo integral, sendo um total de 580 alunos. Até hoje ainda não tivemos a honra do prédio ser inaugurado.

Venho através dessa pesquisa ressaltar a grande importância que essa escola tem para meu povo e relatar o depoimento de pessoas envolvidas nessa construção. O motivo que me levou a pesquisar e registrar a história do Colégio é mostrar as lutas das lideranças e do povo Pataxó, as pessoas que participaram dessa conquista são as mesmas que ainda continuam ajudando a comunidade. Assim, vi um grande tema para estudar, pois estudei no colégio quando ainda era extensão e sempre via como o município tinha dificuldade para manter três salas do Ensino Médio em uma escola municipal.

O objetivo geral desse percurso acadêmico é mostrar para nossos alunos a importância da construção do colégio no território, e deixar um trabalho escrito para que a nova geração saiba como foi a luta das lideranças juntamente com a comunidade e os alunos. Como objetivos específicos pretendemos conhecer a história do Colégio Estadual Pataxó de Coroa

Vermelha, valorizar a luta das lideranças juntamente com sua comunidade e produzir um trabalho que contribua para essa construção.

Para isso, realizamos entrevistas e coleta de informações com lideranças e estudantes indígenas e não indígenas que participaram da construção da escola. Como cada pessoa tem um modo de se expressar, optamos por basear as conversas com os entrevistados em relatos mais livres sobre o processo de luta, ações e desafios para organizar a escola. Consideramos ainda o tempo de cada entrevistado e assim combinamos que enviassem suas contribuições em áudios, sem estabelecer duração. Além disso, o trabalho traz relatos da experiência pessoal da autora como ex-aluna e ex-funcionária da escola, participante dessa construção. Assim, essa pesquisa é de cunho qualitativo, autobiográfico.

A partir das informações obtidas, desenvolvemos tópicos que detalham a história, ações, contribuições, desafios e perspectivas futuras relacionadas à escola e seus integrantes. Optamos por organizar essa história nos seguintes capítulos: I – Motivos iniciais para a conquista do Colégio; II – A construção do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha; e III – O CEICV atualmente.

AS PESSOAS ENTREVISTADAS

- **Ademário Braz Ferreira**

Figura 2: Entrevistado Ademário.



Fonte: Acervo pessoal de Ademário Ferreira.

Diretor da Escola Municipal Pataxó Coroa Vermelha.

Formação:

- Graduado em Ciências da Vida e da Natureza (CVN) no FIEI/UFMG.
- Pós-graduação em História e Geografia; Coordenação e Planejamento; Gestão Escolar.

Figura 3: Entrevistado Gilson de Matos.



- **Gilson de Matos Soares**

Atua como professor há 21 anos na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Formação:

- Magistério Indígena e Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI).

- **Railson Sena Braz**

Fonte: Acervo pessoal de Gilson de Matos.

Figura 4: Entrevistado Railson Sena Braz.



Professor indígena e atual diretor do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha.

Formação:

- Licenciatura em Ciências Humanas (IFBA)

Fonte: Acervo pessoal de Railson.

- **Gabriela Florêncio de Jesus Souza**

Figura 5: Entrevistada Gabriela Florêncio de Jesus Souza



Professora.

Formação:

- Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (UNEB).
- Pós-graduação em Políticas Públicas para Educação Básica (Faculdade Einstein) e em Educação

Fonte: Acervo pessoal de Gabriela Souza.

Básica/Educação Escolar Indígena (UNEB).

- **Manuele de Castro Soares**

Figura 6: Entrevistada Manuele de Castro Soares.



Fonte: Acervo de Manuele Castro.

Formação:

- Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias (UFSB).

- **Aksã de Castro Ferreira**

Figura 7: Entrevistada Aksã de Castro Ferreira.



Fonte: Joá Souza.

Aluna do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha (2º ano - B)

- **Franciele dos Santos Silva**

Figura 8: Entrevistada Franciele dos Santos Silva.



Aluna do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha. (3º ano – B)

Fonte: Acervo pessoal de Franciele Santos.

CAPÍTULO I: MOTIVOS INICIAIS PARA A CONQUISTA DO COLÉGIO

1.1. Por que um colégio estadual indígena em Coroa Vermelha?

Havia uma grande necessidade pois os alunos não queriam sair do seu território para estudar fora da sua comunidade, pois a escola é conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar que procura trabalhar uma educação escolar indígena de qualidade voltada à realidade cultural do povo indígena Pataxó. O colégio tem toda autonomia para organizar o calendário com toda a unidade escolar, juntamente com o conselho de pais, alunos e lideranças. Nessa jornada pedagógica eles colocam as datas voltadas para a comunidade que incluiu o luto pois precisamos prestar solidariedade às famílias enlutadas.

Não tínhamos um colégio estadual indígena que atendesse esse público do Ensino Médio e assim os alunos que iam concluindo o Ensino Fundamental II passariam a estudar em outra escola que não seria indígena. Tinha algumas reclamações dos alunos pois não estavam sendo bem recebidos pelos outros colegas de sala. Na entrevista com o professor Gilson, ele relata sobre esse comportamento:

No primeiro ano, a gente já recebia várias queixas do pessoal alguns alunos vinham retornavam cá pra escola para reclamar que não estavam sendo bem tratado. Estavam tendo confusão, conflito com outros colegas lá. Na verdade, alguns preconceitos, mesmo com alguns alunos lá. Os alunos chegaram cá reclamando que os alunos lá falavam, por que que eles não viam cara para escola indígena? Porque lugar de índio era cá. (GILSON, 2023)

Então alguns alunos resolveram entrar em contato com os diretores para ver se havia uma possibilidade da escola ceder algumas salas para que eles pudessem voltar a estudar no prédio indígena. Assim os diretores começaram a ver que os alunos não estavam se sentindo

bem naquele espaço. Foi quando então eles começaram a se movimentar e fazer algumas reuniões com lideranças para que pudessem ter um colégio indígena que atendesse o Ensino Médio, já que os alunos não queriam sair do ambiente escolar indígena. O professor Ademário ressalta na sua entrevista:

Eles convocaram eu e o meu companheiro Gilson Pataxó pra que pudéssemos fazer uma reunião e ver o que poderíamos juntos fazer pra que tivesse o Ensino Médio dentro da escola. Eles não queriam, na verdade, estudar fora da escola indígena. Eles queriam permanecer na escola indígena e assim, né? Nós tivemos, conversamos todos juntos em parceria. (ADEMÁRIO, 2023)

A escola tem um papel muito importante de agregar a educação indígena à educação escolar indígena na comunidade. É nesse ambiente que as crianças começam a aprender sobre sua cultura, aprender a língua materna o Patxôhã, a história do povo Pataxó, a batida de um maracá, a importância de respeitar nossos anciões, a confeccionar seus adereços e assim vão afirmando sua identidade cultural.

CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA COROA VERMELHA

2.1. Como o colégio foi construído?

Os diretores da escola municipal entraram em contato com a diretora do Colégio Frei Henrique de Coimbra para ver a possibilidade de trazerem uma extensão do estadual para a escola municipal. A diretora viu que seria uma boa ideia pois os alunos indígenas não se adequaram ao espaço do colégio. Então, entre 2007 a 2008, a escola municipal cedeu algumas salas no turno noturno para que funcionasse a extensão do Colégio Frei Henrique de Coimbra naquele espaço escolar. Depois da conversa dos alunos, passou a funcionar essa extensão na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, conforme conta o professor Gilson na entrevista:

Aí foi quando a gente, diante dessas cobranças, vamos ver se a gente consegue, trazer para aqui, para a escola indígena, pelo menos ao prédio, à noite, né? Porque durante o dia não dava que estava todas as salas ocupada, mas durante a noite nós tínhamos essas salas é que daria para funcionar o Ensino Médio.” (GILSON, 2023).

Tiveram reuniões com lideranças para ver qual atitude iria ser tomada para formalizar a extensão na escola indígena e assim foram feitos documentos e levados para a Diretoria Regional de Educação da Bahia (DIREC), dessa forma foi autorizada essa extensão. A partir daí, começaram as aulas do Ensino Médio no ambiente escolar, onde a escola municipal ficou responsável pela administração da extensão, dando total suporte para os funcionários e alunos do Ensino Médio, sem distinção entre alunos e funcionários. O município compartilhava seus materiais didáticos e alimentícios.

Devido ao crescimento de turmas do Ensino Médio, houve a necessidade de um espaço escolar que pudesse atender a demanda. Foi então quando os diretores do município entraram em contato com o administrador da Funai para ver a possibilidade de formalizar a

documentação da construção de um novo prédio para comunidade. Na fala do entrevistado Ademário, ele relata um pouco desse processo:

Na verdade, a gente fez o documento e nós mesmos levamos em mãos e entregamos à secretária através do deputado Gabã né? O cacique Zeca Pataxó, né? Hoje, né? Cacique Zeca Pataxó, na época ele não eracacique ainda, ele era um cara que na verdade acredito que ele era o administrador da Funai. Foi até ele, junto com Irene, aí ele marcou essa reunião lá com o deputado e o deputado entrevistou, né, nessa parte, e marcou com a Nanci Paim que na época era secretária de educação do estado. E nesse percurso todo nós levamos documento, acredito que foi em 2009, né? Em 2009 para 2010, que em 2009 que eu ainda era diretor da escola, nós entregamos né? Na mão da secretária, ela assinou tudinho, direitinho, e mandou pra outra secretaria municipal que estava junto com a gente. E aí selamos esse compromisso em 2010, graças a Deus. Eu não sei a data correta, mas nesse ano saiu sim a autorização do Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha. (ADEMÁRIO, 2023)

O colégio foi construído no ano de 2011, no espaço cedido pela escola municipal pois assim os alunos iriam se sentir no mesmo ambiente escolar em que estavam adaptados. No ano de 2014, com a conclusão de novas turmas para o Ensino Médio, houve a necessidade de ocupar o prédio que ainda não estava totalmente concluído, mas que poderia estar recebendo os alunos, decisão essa tomada pelos mesmos, segundo afirmação do entrevistado Gilson:

Várias turmas já saindo da escola cá do fundamental II e aí resolveram, né, essa turma foi em 2014 e praticamente retomaram a escola lá, já que já estava praticamente pronta. Faltava alguns detalhes, né, pra inaugurar, mas diante das necessidades, resolveram passar pra dentro da escola. Já tinha os professores contratados e tudo, tinha uma gestão já, então poderia sim funcionar no seu próprio prédio, mas houve a parte dos alunos. (GILSON, 2023)

2.2 Ações realizadas para efetivar o Colégio Estadual Indígena

No ano de 2015, a gestão, juntamente com os alunos, tomou uma iniciativa que seria passar para o prédio que ainda estava inacabado, já que o espaço da escola municipal não iria

conseguir atender às demandas de salas de aulas por conta do crescimento de turmas do Ensino Médio. No ano seguinte, a gestão começa a se mobilizar para dar início à Feira de Ciências. A Feira de Ciências tem como objetivo a ornamentação e caracterização do colégio. Essa ação se deu com ajuda dos alunos e dos professores que começaram a organizar o espaço externo, dividindo tarefas por turma, onde as mesmas ficavam responsáveis por essas atividades e assim os alunos foram se mobilizando para começarem a limpar, plantar e pintar. As turmas que ficaram com a parte da limpeza foram logo cuidando do espaço, pois as outras turmas já foram a procura das plantas para poderem fazer a parte da jardinagem, pois o espaço não tinha nenhuma árvore e os alunos queriam uma escola com árvores frutíferas e algumas que são muito importantes para nossa aldeia, como jenipapo, urucum e algumas ervas medicinais que a própria escola poderia estar usando no dia-dia no espaço. Os que ficaram com a parte da pintura foram fazer os grafismos no prédio pois queriam a escola com a característica indígena, porque se tratava de um colégio estadual indígena. A entrevistada Manuele fala um pouco sobre essa mobilização:

Cada turma tinha a sua atividade de fazer no colégio a minha turma por exemplo ficou na área de plantar fazer uma horta medicinal nós plantamos várias plantas que hoje ainda tem no colégio as outras turmas foram cuidando, então a gente plantou umas árvores que desse sombra para quando a gente quisesse lanchar lá atrás, agente fez uma horta para as cozinheiras plantando um coentro e essas outras ervas que dá para usar na comida. (MANUELE, 2023)

Figura 9: Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014, antes do projeto Korihé – Aprender.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 10: Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 11: Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha em 2014.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 12: Alunos que ficaram na parte do paisagismo do colégio.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 13: Alunos que ficaram na parte do paisagismo do colégio.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 14: Alunos que ficaram na parte do grafismo do colégio, 2015.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 15: Alunos que ficaram na parte do grafismo do colégio, 2015.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 16: O Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, 2015.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 17: O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2016.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 18: O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2017.



Fonte: Cedida pelo Colégio.

Figura 19: O colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha depois do projeto Korihé – Aprender, 2023.



Fonte: Acervo pessoal da aluna e entrevistada Aksã Castro.

No início da gestão, o colégio era composto por um quadro de funcionários não indígenas, pois não tinha na comunidade professores que eram concursados em nível estadual e assim formou-se o quadro de professores não indígenas, incluindo o primeiro gestor do colégio. Com decorrer do tempo, o colégio foi evoluindo e conquistando os seus profissionais. Atualmente temos 90% de funcionários indígenas. Isso é muito importante para o fortalecimento da nossa comunidade, ressaltando que muitos desses profissionais foram alunos do colégio e hoje atuam na sala de aula. Dessa forma se dá a valorização da cultura do povo Pataxó com a afirmação e manutenção de sua diversidade étnico cultural.

CAPÍTULO III: O CEICV ATUALMENTE

3.1. Como um colégio indígena acolhe estudantes não indígenas?

Como colocamos logo no início desse texto, o Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha fica localizado às margens da BR367, no km 77 no município de Coroa Vermelha, situado dentro do território indígena. O outro colégio estadual mais próximo fica situado na Cidade de Santa Cruz Cabralia a 7km. Assim, as famílias que moram próximo ao colégio indígena optam em matricular os filhos em Coroa Vermelha. O colégio indígena é referência dentro do município de Santa Cruz Cabralia e, por ser bem avaliado, tem uma grande procura por vagas, tanto pelo público indígena quanto pelo não indígena. No caso do não indígena, no ato da sua matrícula, o responsável tem que assinar um termo de compromisso para que os alunos possam estudar e respeitar os costumes e tradição da cultura indígena Pataxó, pois a escola trabalha o currículo indígena, aonde todos os estudantes do colégio passam a confeccionar seus adereços e os jogos indígenas que é de suma importância para aprendizagem dos nossos alunos, um momento rico em saberes e fazeres indígenas. Através dessa interação, eles percebem que não se trata somente de modalidades e competições, e sim a união de um povo, um dos grandes desafios para o fortalecimento da cultura dentro e fora da escola, além da questão religiosa, pois não está havendo a separação entre a dimensão religiosa com a cultural.

Assim, o colégio atende um público de alunos não indígenas, com a validação da liderança junto à comunidade, por ser um colégio mais próximo dos bairros. Os pais estão sempre à procura de vagas, os alunos não indígenas estão sempre participando das atividades juntamente com os colegas, pois não há distinção em relação a eles próprios. Nesse sentido, a entrevistada Franciele afirma:

Quando cheguei no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha fui muito bem recebida. Foi muito diferente da imagem que foi construída em minha mente. Não sofri nenhum tipo de preconceito, meus colegas de classe que hoje são meus amigos e estudam em escola indígena desde o fundamental, me acolheram e explicaram como funcionava as atividades e parte da cultura. (FRANCIELE, 2023)

Os alunos indígenas vêm de uma base que é a escola municipal indígena e trazem consigo uma bagagem de conhecimentos e saberes tradicionais que eles aprimoram no espaço do colégio estadual onde acolhem os alunos não indígenas, ensinam a eles sobre sua cultura e seus costumes, assim vão formando um respeito e amizade. A entrevistada Aksã Castro fala sobre esse convívio:

O convívio com os colegas não indígenas é bem tranquilo pois eles nos respeitam e nós a eles também, participam dos awê, de tudo que acontece no colégio. Por eles serem não indígenas todos participam. (AKSÃ, 2023)

Esse acolhimento também vem por parte dos professores, porque sabem que os alunos não indígenas estão em um colégio diferenciado onde vão passar a conhecer uma nova realidade verdadeira que é a cultura indígena, pois eles só conhecem a história dos livros didáticos, nos quais muitas vezes aparecem informações distorcidas e mesmo inverídicas sobre os povos indígenas. Apesar de morarem muito próximo das aldeias, essa realidade concreta e tão próxima não é apresentada nas escolas não-indígenas.

3.2 Como o colégio está hoje?

O colégio hoje se encontra totalmente a caráter Pataxó, em comunhão com a comunidade, sempre em busca de melhorias. Desse modo temos um colégio que atende o nosso território de Coroa Vermelha, seus anexos e outro público. É referência em educação escolar indígena, foi reconhecido através do projeto Korihé pela UNESCO, ganhou o Prêmio Gestão Escolar (PGE) e tem vários parceiros que ajudam o colégio. O entrevistado Railson vem falando sobre esses avanços:

O colégio estadual, ele teve trabalho, os nossos projetos. O projeto Korihé foi certificado pela Unesco em 2017. A Unesco reconheceu os projetos da unidade escolar como o projeto que soma com a sociedade e aí nós somos certificados, recebemos o certificado em Paris, olha, bem legal para a gente. Nós recebemos a certificação em um evento em Salvador, no Palace Hotel, uma coisa assim. E a partir daquele período, a unidade escolar Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha está vinculada à UNESCO. Certos projetos, todos os anos que acontecem no colégio,

vinculado à UNESCO, além dos parceiros que tivemos aqui, Coral Vivo e outras, o UFSB e outras instituições que têm estendido as mãos para trabalharmos juntos aqui, tá certo? Então, o projeto reconhecido na UNESCO, é reconhecida em 2020, nós recebemos o Prêmio Gestão Escolar. Olha aí, naquele pacote ali de dificuldade ali, nós apresentamos uma das melhores propostas aqui. Na verdade, foi a escola referência a 2021 e 2022, né? Pela estratégia montada para acolher aluno, para desenvolver atividade com aluno. Então nós ainda somos a escola referência no NTE 27¹ e recebemos o prêmio Gestão nesse período também, em 2020 e 2021. (RAILSON, 2023)

O colégio trabalha com a Base Nacional Comum de Curricular (BNCC) e está tentando se adequar com a grade do novo Ensino Médio. Eles conseguiram anexar algumas matérias específicas voltadas para o aprendizado da comunidade, para que os alunos possam estar aprendendo sobre os direitos indígenas, legislação indígena e conhecimentos sobre o território e também sobre nossas ervas medicinais e como isso nos fortalece. Assim os alunos podem conhecer e colocar em prática seus conhecimentos e valorizar da cultura. A entrevistada Gabriela fala um pouco sobre esse currículo da escola:

Tentando adequar as novas Grades Curriculares do Novo Ensino Médio, no ano se 2022 o CEICV, iniciou com a aplicabilidade de dois novos Itinerários Informativos nas turmas do 2º ano do Ensino Médio. Desse modo, temos Itinerário de Direito e Itinerário de Saúde. Além da base comum de componentes, esses itinerários proporcionam para alunos a aprendizagem com novos componentes curriculares, ampliando assim as possibilidades de aprendizagem. No Itinerário de Direito, por exemplo, o aluno tem a oportunidade de estudar componente como Direito Indígena, Direito Indenitário Movimento Indígena que são componentes específicos para tratar da Temática Indígena. Ainda estamos em fase de teste. No Itinerário de Saúde, temos Componentes também específicos, como manipulação de Ervas Medicinais e Medicina Tradicional. (GABRIELA, 2023)

O calendário do colégio segue com o modelo dos outros colégios estaduais do Estado da Bahia, mas com algumas alterações pois o colégio indígena tem datas que precisam ser anexadas nesse calendário, pois o mesmo tem uma educação escolar específica, diferenciada, multilíngue, intercultural (Souza, 2019, p. 34). Assim a equipe escolar começa a trabalhar as disciplinas que envolve a comunidade. Novamente, Gabriela ressalta a importância dessas modificações no calendário:

Nosso Calendário tem como base o Calendário apresentado pela Secretaria Estadual de Educação. A partir desse calendário letivo, montamos o nosso calendário

¹ Núcleo de Tecnologia Educacional.

específico, acrescentando datas importantes para a comunidade, marcos históricos do povo Pataxó e da comunidade. Paralelo ao calendário letivo, é construído o Calendário de Atividades: nesse consta todos os projetos, datas comemorativas, encontros de formação continuada, Conselhos de Classe e etc. (GABRIELA, 2023)

Com o tempo surgiram algumas demandas a se pensar. Hoje o colégio é bem requisitado, porém já está sem espaço, precisando de novas salas e refeitórios para atender essa grande demanda, pois a cada ano vão se formando novas turmas e vão chegando mais alunos. Também está precisando de um novo concurso público do estado para regularizar os profissionais contratados, não esquecendo que os professores pedem mudança na lei que assegura o direito da Carreira de Professor Indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa me possibilitou conhecer como foi o início do processo de construção do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha e assim venho registrar a luta dos professores, juntamente com as lideranças e comunidade para conquistar um colégio no território que garante a identidade cultural, tendo a perspectiva do Ensino Médio intercultural e multilíngue. Diante das informações e relatos dos professores que contribuíram para a construção do prédio, podemos ver o quanto a resistência do nosso povo é grande. O colégio estadual para nós é de suma importância, por isso a busca incansável pelo melhor para nossa comunidade.

Essa pesquisa vem contribuir muito para as gerações futuras, mostrando como foi a trajetória de todos na luta e mostrando as dificuldades enfrentadas durante essa trajetória para conseguir essa construção para o nosso território. Esse percurso ficará registrado para mostrar a luta dessa grande conquista em nosso território, pois precisamos deixar registrado quem foram os protagonistas. Sabemos que nem todos do nosso território têm o conhecimento sobre essas lutas que nossas lideranças passaram, então é de grande importância registrar esse processo de construção da educação escolar.

Esse registro da história do colégio contribuiu muito para meu aprendizado. Através das pesquisas com os meus entrevistados, pude conhecer cada etapa que o colégio foi passando, pois eu já tinha estudado no colégio quando era extensão do Frei Henrique de Coimbra e depois passei a trabalhar como funcionária no setor de serviços gerais no prédio do colégio estadual, além de já ter uma visão como mãe, pois tenho uma filha matriculada no mesmo. A pesquisa me mostrou o quanto é lindo o processo do colégio e como ele, em tão pouco tempo, se desenvolveu tão bem, já que o mesmo passou por uma metamorfose e hoje nós temos um colégio que está desenvolvendo um trabalho maravilhoso e acolhedor em nosso território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA de Coroa Vermelha recebe certificação da UNESCO.

Bahia dia a dia, 2018. Disponível em: <https://www.bahiadiaadia.com/especial/7751/colégio-estadual-indigena-de-coroa-vermelha-recebe-certificacao-da-unesco-13-09-2018>.

DESTAQUE ANÍSIO TEIXEIRA EM GESTÃO ESCOLAR ESCOLA REFERÊNCIA TERRITORIAL. Secretaria da Educação do Estado da Bahia – SEC/BA. Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiateca/documentos/2020/escolareferenciateritorial.pdf>

FERREIRA, Ana Clara Nogueira. **Educação escolar de alunos indígenas com deficiência: um estudo da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha**. 2021. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Gabriela Florêncio de Jesus. **Educação Escolar Indígena na Aldeia de Coroa Vermelha: história, desafios e conquistas**. 2019. Monografia (Licenciatura Intercultural Indígena – LICEEI). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2019.